

Poesia e psicanálise unidas pelo ritmo

Celso Gutfreind¹

Resumo: Neste artigo, a técnica analítica e a poética (literária) são aproximadas, realçando aspectos comuns a ambas, como a procura do ritmo, da metáfora e o objetivo de poder dizer, representar, simbolizar e elaborar. Descreve-se a construção de um poema e a vinheta da análise de uma criança, salientando os aspectos em comum nas duas construções.

Palavras-chave: Estudos literários. Poesia. Psicanálise. Técnica analítica.

Introdução

A composição do poema solicita criar as condições para a expressão. Ao contrário de uma prosa banal ou neurótica, o poema rearranja as palavras de forma que possa expressar os sentimentos. É um ideal de saúde. Ou a própria, no sentido de seu acontecimento estar atrelado a conseguir dizer (Deleuze, 2011), de preferência de forma aberta, múltipla, polissêmica (Eco, 1962/1965). Chegar a isso, afinal, é a sua realização. O resto é com a recepção do leitor, e cada leitura reinaugura o poema, que vive de expressar seus autores e receptores.

A composição da análise também. Ao contrário de uma prosa banal ou neurótica, ela igualmente rearranja as palavras de forma que diga, represente, simbolize, elabore. Alcançar tal efeito é a sua cura, e cada encontro analítico reinaugura a psicanálise (Ogden, 2014).

¹ Psicanalista com funções didáticas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Escritor com 36 livros publicados, entre os quais *A arte de tratar* – por uma psicanálise estética (ensaios, Artmed) e *Tesouro Secundário* (poemas, Artes & Ecos).

Atrapalha o poema a palavra gasta, inexpressiva ou sem poesia nem função poética, sem poder chegar a ela, enfim (Jakobson, 1975)². Mas, um dia, antes de gastar-se, houve alguma poesia, e o objetivo da poesia presente é reencontrar esse começo – o passado – para resgatá-lo. Cada poema é um reencontro, ainda que inédito.

Com uma análise, não é diferente. Há nela uma necessidade análoga de chegar às funções poéticas e expressivas a fim de poder encontrar as palavras para os afetos. Em nosso construto, sintomas, inibições, transtornos são da ordem do recalcado e do não dito. É o que a casa de uma análise oferece. É o que a casa de um poema oferece. Poder dizer, sentindo, a partir de uma coconstrução. Cada análise é um reencontro, ainda que inédita.

Propõe-se um resgate da poesia e das palavras, objetivo em comum de um verso e de uma sessão.

Para o poema, é necessário revitalizar essa palavra até que ela encontre o sentimento.

Para a análise, também.

O poema e a análise necessitam de ritmo e melodia para garantir as suas expressões. Sem metáforas, não há como fazer essa viagem. O humano não suporta a crueza de uma dor, por isso há recalçamento. As viagens da poesia e da análise buscam uma forma para trazer à tona esses conteúdos latentes e estão muito próximas, se é que não são completamente juntas.

A construção do poema

Havia a necessidade de escrever um poema, movido pela emoção da mensagem recebida pela proposta de uma revista e suas reflexões sobre a palavra, que pode estar gasta para dar conta de um encontro analítico, na contemporaneidade.

O sentimento era de não saber, ou seja, de impotência, de sentir-se desafiado pela ideia de que precisamos revitalizar as palavras cotidianas da psicanálise. Estávamos diante do não dito, do inexpressivo, da língua paralisada do poeta (Anjos, 1982).

O convite havia desacomodado o seu receptor, como um encontro poético ou analítico. O poeta, tal qual o analista, é outro que se desacomoda com o gasto das palavras. Sente-se desafiado a revitalizá-las. A busca de uma expressão – analítica, poética – nasce de uma falta, de um desassossego.

Como fazê-lo?

² Em resumo, Jakobson apontou seis funções linguísticas: a denotativa ou de referência, centrada no contexto; a expressiva ou emotiva, centrada no remetente; a conativa, referente ao destinatário; a fática, centrada na busca do contato entre os interlocutores; a metalinguística, centrada no código; e a poética, de olho na mensagem.

Como fazer um poema sobre isso?

Em primeiro lugar, era preciso (re)encontrar um ritmo. Poesia não é prosa, mesmo que, a partir de Baudelaire, essas divisões tenham se tornado acessórias. A partir de Mallarmé, poesia não se faz com palavras, mas com o seu rearranjo (função poética de Jakobson) e, sobretudo, com o ritmo.

Havia a sombra de um conteúdo, mas ele só poderia soar, encontrar, repercutir se encontrasse a sua melodia, a partir dos recursos poéticos. E veio o primeiro verso, “Às vezes gasta”, acentuado na quarta sílaba e gerando a responsabilidade prosódica de que o verso seguinte pudesse dar conta disso para garantir o bálsamo (o continente) de uma repetição, como sempre fizeram as cantigas de ninar, primórdios de contenção e subjetividade de um bebê.

Também era preciso estar presente a sonoridade de aliterações e assonâncias, com as vogais (a) e as consoantes (s, z). O conteúdo trazido pelo “às vezes” insinuava a ideia de que nem sempre a palavra (que virá nesse poema e vem na análise) está gasta, e há esperança de encontrá-la para um resultado estético ou analítico, ou seja, para a saúde.

O verso seguinte, “mais que imperfeito”, manteve a acentuação na quarta sílaba e a sonoridade de sua prosódia, fazendo o mesmo nos dois próximos, “se pode deixar/ser mesmo o fim.”.

Porque pode ser o fim e é, pelo menos por enquanto, quando não encontramos o poema ou a análise que nos dizem. Mas, às vezes, nos melhores casos poéticos e analíticos, encontramos as palavras, de acordo com a nossa experiência na estética e na clínica, por isso o verso seguinte: “Felizmente há”. Felizmente, há melodia e esperança.

Mas o que há?

Há o poema e a análise com suas oficinas análogas, conforme estamos aqui desenvolvendo. Essas oficinas contam com o tempo, são longas, nada imediatas, por vezes, até mesmo intermináveis (Freud).

Por isso, o verso seguinte passa a ser acentuado na sétima sílaba: “a oficina da palavra”, como de resto os versos seguintes, poetando a ideia de que o poeta é um mecânico, e o seu trabalho é artesanal, além de marcar, através da métrica, que essas atividades contam com o prolongamento do tempo.

Poeta e analista, enfim, na mesma seara.

Para além da forma do ritmo, baseados em Freud e no seu reconhecimento dos escritores como precursores da chegada ao inconsciente, fez-se a imagem de que o analista é apenas um assistente.

Há aqui ironia e humor, recursos importantes na poesia e na análise (Quintana, Freud).

Poeta e analista, através da recuperação da função poética, estão empenhados no rearranjo das palavras, com emoção e empatia, fazendo com que a palavra deixe de ser mecânica.

É mecânica e fria a palavra de um poema que não chega à expressão.

É fria, mecânica e compulsivamente repetida, a palavra da prosa de uma neurose ou uma inibição.

Poeta e analista são, portanto, mecânicos que propõem uma construção para revitalizar essas palavras para que deixem, justamente, de ser mecânicas. Utilizam o olhar, o toque (com palavras), o ritmo e, sobretudo, a transferência de um bebê às voltas com a descoberta do mundo e a tentativa de expressá-lo. E toda teoria ou metapsicologia deve estar a serviço disso.

Um poema que revitaliza as palavras chegou ao seu objetivo.

Uma análise, também.

Poema e sessão garimpam núcleos rítmicos (Honigsztein) dos começos da vida a fim de combater a palavra gasta e reencontrar a expressão capaz de resultados estéticos e clínicos, comumente análogos.

Freud era um esteta carnal e, talvez, referendássemos toda a sua obra no tema da insistência de que uma análise intelectual seria anódina, fria, selvagem e sem sentido. Daí os versos finais, que mencionam o começo do antigo testamento, mas de olho na torá de Freud.

E o poema assim ficou, imperfeito, ainda à espera de seus leitores, mas já capaz de se expressar:

Oficinas de palavra

Às vezes gasta,
mais que imperfeito,
se deixar pode
ser mesmo o fim.
Felizmente há
a oficina da palavra
e o poeta, seu mecânico
e o analista, o assistente,
para que a palavra deixe
de ser mecânica e se
faça carne em outra carne,
como era no começo,
previsto há tantos milênios,
no entanto, gastou no meio.

A construção da análise

Trata-se de uma vinheta de uma menina de sete anos, diagnosticada pela psiquiatria como portadora de transtorno de oposição desafiante. Diagnósticos como esse podem fechar perspectivas e se mostrarem gastos para a abertura de sentidos e possibilidades. Podem ser “apoéticos”. Nessa perspectiva, a psicanálise é aberta, poética e guardiã do não fechamento, ao qual se opõe.

O ambiente revelava uma relação simbiótica (e gasta) da menina com a mãe e a ausência de uma figura paterna. A contratransferência com eles não era positiva e foi preciso muita empatia para recriar um ritmo primordial. Foi preciso olhá-los, tocá-los com as palavras, tratar o ambiente, reforçá-los em sua parentalidade em busca da abertura de um campo em que coisas do afeto pudessem ser ditas. Mas, como no poema, essa prosa não poderia chegar, a não ser que fosse precedida pelo ritmo e pela poesia. Por isso, toda e qualquer interpretação só poderia ser melódica e preocupada com o olhar, a empatia e o ritmo (Wallerstein, 1988).

Não é incomum que uma interpretação seja feita, dirigida ao conteúdo apresentado, e que passe despercebida, sem efeitos transformacionais. Com a repetição, ritmo necessário aos poemas e às análises, surge o momento em que a interpretação repercute. Soma-se à repetição ela poder ser dita e percebida com as palavras vibrando, em um ritmo maravilhado e, por isso, trazendo pensamentos e emoções nunca dantes presentes. A prosa e suas palavras, então, adquirem consistência.

Certa feita, a mãe contou que ela e o pai levaram a filha na piscina do clube e precisou disfarçar que não estava vendo o quanto o marido cuidava mal da menina, e havia um risco de queda da pequena na borda molhada. Seu discurso era de ódio, sua forma não tinha melodia. Tempos depois, pai e filha foram ao cinema pela primeira vez. A mãe comentou:

– Ela voltou toda suja do lanche. Ele é irresponsável, e eu, também, de deixar. Não sou?

Pouco importa o conteúdo da fala dessa mãe. Foi na melodia e na poesia com que agora descreveu a cena que estava o essencial:

“A poesia, a forma mais complexa de simbolismo verbal, usa os mesmos signos lexicais que a prosa, mas com dimensionalidade aumentada: ela contém o significado em vez de afirmá-lo.” (Harris Williams, 2018, p. 112).

A linguagem da mãe já não significava. Ela não tinha compromisso com a concretude (Jakobson). Havia resgatado a poesia de seus próprios começos, tornando-se poética, escorregadia, não referenciada. Musical como as mães, no começo, ela, afinal, escolhia o vocábulo pejorativo “irresponsável”, mas,

prosodicamente, divertia-se com ele. O que dizia estranhava, e o conteúdo era o que menos importava. Havia ritmo como nos poemas.

A função poética na linguagem materna permitia que ela pudesse expressar o recalco de uma forma socialmente aceita, na qual a poesia se oferece como a mais revolucionária dessas artes (Kristeva, 1974).

As suas palavras já não estavam gastas. Essa linguagem já era capaz de se separar das experiências cotidianas e maravilhar e admirar antes de compreender, segundo as reflexões do poeta Armindo Trevisan, a partir do esteta Bachelard (Trevisan, 2016, p. 166, 167 e 177).

Assim, uma sessão analítica é, no que mais importa, a aparição ou a reaparição de um momento poético em busca da verdadeira expressão.

Essa menina, agora, continuava se opondo e desobedecendo, mas, como um poema em vida, era capaz de surpreender seus pais e o seu analista. Seus jogos, seus brinquedos, suas palavras e suas oposições já não estavam gastas e renasciam a cada encontro e reencontro. Ela transcendia o seu diagnóstico como um poema transcende o cotidiano.

Revitalizadas, as palavras nela já eram carnavais, e havia encontrado a alma do poema, essa cura maior que nos cabe na literatura e na vida.

Poetry and psychoanalysis united by the rhythm

Abstract: In this article, the analytical and the poetical (literary) techniques are approximate, emphasizing the aspects which are common to both of them, such as the search for the rhythm, for the metaphor and the goal to be able to say, represent, symbolize and elaborate. A poem's framing and the vignette of a child's analysis are described, stressing the aspects which are common in both processes.

Keywords: Analytical technique. Literary studies. Poetry. Psychoanalysis.

Referências

Anjos, A. (1982). *Eu & outras poesias*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Civilização Brasileira/Itatiaia.

Deleuze, G. (2011). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.

Eco, U. (1965). *L'oeuvre ouverte*, Paris: Seuil. (Original publicado em 1962)

- Harris Williams, M. (2018). *O desenvolvimento estético – O espírito poético da psicanálise – Ensaio sobre Bion, Meltzer e Keats*. São Paulo: Blucher Karnak.
- Honigsztejn, H. (1990). *A psicologia da criação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jakobson, R. (1975). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Kristeva, J. (1974). *La révolution du langage poétique*, Paris: Aux Éditions du Seuil.
- Ogden, T. (2014). *Leituras criativas*. São Paulo: Escuta.
- Trevisan, A. (2017). *A dança do sozinho*. Porto Alegre: Pradense.
- Wallerstein, R. S. (1988). Un psicoanálisis o muchos? *The International Journal of Psychoanalysis*, 5-21.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 30/10/2019

Aceito em: 02/03/2020

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano, 812/505
90520-050 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br